

**CORDELENDAS: UMA INTERSECÇÃO LITERÁRIA
PARA TRABALHAR IDENTIDADE ÉTNICA INDÍGENA
EM SALA DE AULA**

Lilian Castelo Branco de Lima (UEMASUL)

li_castelo@hotmail.com

Polyana Silva Matos (UEMASUL)

polyanasmatos@gmail.com

Walquíria Lima da Costa (UEMASUL)

wallico36@gmail.com

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de campo participante, realizada em uma escola de Ensino Médio da rede pública do Maranhão. Apresentado-se como objetivo central discutir sobre a interseção dessas duas tipologias textuais literárias como fonte para o (re)conhecimento e a valoração de identidade étnica indígena em sala de aula, no intuito de obedecer o que propõe a Lei nº 11.645/2008. Assim, após as oficinas para trabalhar o livro *Cordelendas* de César Obeid, realizadas em uma perspectiva interdisciplinar, o que se observou nesse estudo é que a inusitada interseção dessas linguagens literárias contribuiu para promover o interesse dos alunos para a temática da herança cultural indígena, resultando também na desconstrução de paradigmas e preconceitos negativos, isso visualizado nos dados apresentados pelos discentes na roda de conversas e no questionário que foi aplicado. Compreendendo uma atividade inovadora de ensino aprendizagem, com uma aceitação positiva por parte dos discentes para a inserção da temática da “História e cultura indígena” a partir do discurso literário.

Palavras-chave:

Cordel. Lendas. Literatura. Ensino Médio. Identidade Étnica Indígena.

ABSTRACT

This work is the result of a participant field research carried out in a public high school in Maranhão. It is presented as a central objective to discuss about the intersection of these two literary textual typologies as a source for (re) knowledge and valuing indigenous ethnic identity in the classroom in order to obey what the law 11.645/2008 proposes. So after the workshops to work César Obeid's book *Cordelendas*, from an interdisciplinary perspective, what was observed in this study is that the unusual intersection of these literary languages helped to foster student interest to the theme of indigenous cultural heritage, also resulting in the deconstruction of negative paradigms and prejudices, this visualized in the data presented by the students in the conversation wheel and in the questionnaire that was applied. Understanding an innovative teaching-learning activity with a positive acceptance by the students for the insertion of the theme “Indigenous History and Culture” from literary discourse.

Keywords:

Cordel. Legends. Literature. High school. Ethnic Identity Indigenous.

1. Introdução

O Brasil é um país pluriétnico, tanto na sua formação original, pois aqui viviam/vivem inúmeras nações de diferentes grupos nativos, quanto no processo de colonização, responsável por uma migração acelerada e que trouxe para terras brasileiras povos das mais diversas origens. Assim, durante todo o processo histórico brasileiro, a nação se viu diante da diferença cultural, contudo conviver com respeito com essa diferença é um grande desafio, o que pode ser constatado por inúmeros casos de desvalorização, preconceito e violência motivados pela intolerância à diversidade etnicorracial tão marcante na população brasileira.

Infelizmente, a problemática da convivência com a diferença não é um desafio apenas para o povo brasileiro, pois se configura como uma questão de ordem mundial, por isso se tem buscado enfrentá-la suscitando o debate e a crítica. A esse respeito Bhabha (2007, p. 228) defende que “A analítica da diferença cultural intervém para transformar o cenário de articulação – não simplesmente para expor a lógica da discriminação política”, mas também para alterar “[...] a posição de enunciação e as relações de interpelações em seu interior; não somente aquilo que é falado, mas de onde é falado”. Nesse entendimento, a escola se configura como um lugar privilegiado de tropos de enunciação para se pensar a diferença e mais do que isso para conhecer o que nos aproxima e o que nos diverge. Até porque como dito anteriormente, apesar de fazermos parte de um país pluriétnico por formação e migração, no entanto o que se percebe é que o nosso sistema escolar supervaloriza a cultura hegemônica de origem europeia em detrimento das demais, em especial, das culturas indígenas e as de matriz africana, que não chegam nem a ser conhecidas e discutidas nos espaços escolares e quando feito, na maioria das vezes, é realizada de tal forma que reforça visões caricatas e preconceituosas que fazem parte do imaginário do nosso povo sobre esses povos, como constata Medeiros (2012).

Essa realidade imprimiu a necessidade de uma lei que obrigasse o estudo da história e cultura indígena e africana nas escolas, o que se concretizou com a criação da Lei nº 11.645/08 cujo único artigo altera o Artigo 26-A da Lei nº 9.394/96, passando a vigorar a seguinte redação:

[...] Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras (NR) (Grifo nosso)

Observa-se, na redação da lei, a preocupação em apontar a importante contribuição dos povos indígenas e africanos para a formação e o desenvolvimento do povo brasileiro, como também ressaltar a necessidade do resgate desses saberes nas diversas áreas. E a orientação é que para isso se integre as diversas disciplinas do currículo, ressaltando a possibilidade de trabalhar os conteúdos referentes à história e cultura desses povos a partir de textos literários. E essa indicação para a arte literária é compreensível, pois de acordo com Antonio Candido (2000):

A função da literatura está ligada à complexidade de sua natureza, que explica inclusive o seu papel contraditório mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão de mundo dos indivíduos e dos grupos; ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (CANDIDO, 2000, p. 263)

Assim, para entendermos a literatura de um povo é necessário um movimento que se dá pela dialética, pelo fato de ser uma das formas de representatividade e expressividade de um grupo, que está arraigada aos valores do indivíduo e, dessa forma pode propiciar o conhecimento dos elementos intrínsecos de cada cultura. Por isso, Candido (2000, p. 263) defende que “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”. Em se tratando dos povos indígenas, esse direito enfatizado por Candido é de certa maneira ratificado na Declaração Americana sobre os Direitos dos Povos Indígenas, aprovada pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos em 26 de fevereiro de 1997, que no artigo VIII, trata das Concepções lógicas e linguagem:

1. Os povos indígenas têm direito a seus idiomas, filosofias e concepções lógicas como componentes da cultura nacional e universal e como tais os Estados deverão reconhecê-los, respeitá-los e promovê-los, consultando os povos interessados.

Com isso, a literatura indígena, como qualquer outra de povos dis-

tintos, deve ser respeitada em suas especificidades e diferenças, sendo que todos os povos têm direito à literatura como forma de arte e de fruição, além de expressividade da memória e a identidade de sua gente. Há vista que para as sociedades indígenas, nas quais predominam a educação oral, é também através de suas histórias literárias que se transmite saberes tradicionais, tendo em vista que segundo Benjamin (1994, p. 211), é a tradição “que transmite os acontecimentos de geração em geração [...]” e “[...] tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si, uma se articula na outra”.

Diante do exposto, entendendo a importância de se fomentar o conhecimento dos saberes e valores indígenas, este estudo se propõe a pesquisar sobre a percepção dos alunos de uma escola pública de nível médio de Imperatriz-MA, sobre a herança cultural e a identidade étnica desses povos, a partir da leitura e análise das lendas indígenas em forma de cordel, presentes na obra *Cordelendas: histórias indígenas em cordel*, de autoria de César Obeid.

Para isso, realizou-se uma pesquisa de campo participante, tendo em vista que uma das pesquisadoras é professora da referida escola. Com abordagem qualitativa e um estudo descritivo (TRIVIÑOS, 1987), construiu-se os dados analisados neste estudo. Sendo que esse trabalho conta além dessas considerações iniciais, com a descrição da metodologia, seguida da análise dos dados e por fim as considerações finais.

2. Caminhos metodológicos

Devemos iniciar este item enfatizando que este é um estudo que foi desenvolvido na interface da Literatura, Antropologia, História, Geografia, Biologia, Educação e Arte, adotando assim uma perspectiva interdisciplinar. Pois consideramos que a discussão que intencionamos desenvolver perpassa por campos complexos do saber, que para serem apreendidos foi necessária uma visão aguçada não apenas dos sujeitos/interlocutores que se apresentaram nessa pesquisa, mas principalmente, pela percepção de que a relação entre literatura e cultura é influenciada pelo espaço das vivências e convenções identitárias desses sujeitos, a esse respeito Oliveira (2006, p. 35) assinala que “[...] tanto cultura quanto identidade, enquanto dimensões da realidade intercultural são relevantes para a investigação [...]” sobre as expressividades e memória de um povo.

Nesse contexto, para analisar os sentidos e significados da literatura indígena para os alunos a partir de seus discursos polifônicos, trabalhamos com a metodologia da análise do discurso proposta por Bakhtin, principalmente nos seus estudos sobre a polifonia nos textos, apoiados na pesquisa bibliográfica e de campo com observação participante, como base para desenvolvermos o mapeamento sobre a percepção dos discentes acerca da identidade lendas indígenas, em um movimento que se propõe à interpretação da cultura desses povos e na identificação da herança de saberes que deixaram para o povo brasileiro. Segundo Spink e Lima (2000, p. 107) os mapas de associações de ideias “constituem um instrumento de visualização que têm duplo objetivo: dar subsídios ao processo de interpretação e facilitar a comunicação dos passos subjacentes ao processo interpretativo”.

E como trabalhamos com o estudo do livro “Cordelendas: lendas indígenas em cordel” de César Obeid, visando a leitura e posterior produção de textos elaborados pelos interlocutores desta pesquisa: 40 alunos do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública de Imperatriz-MA, a análise textual discursiva se apresentou como uma técnica adequada para desenvolvermos o trabalho. Nesse sentido, Moraes e Galiazzi (2011, p. 13) alertam para o fato de que “[a]o iniciar uma discussão de análise qualitativa, precisamos ter presente a relação entre leitura e interpretação. Se um texto pode ser considerado objetivo em seus significantes, não o é nunca em seus significados”. Acredita-se que esses significados no caso da pesquisa proposta foram diretamente influenciados pelas condições sociais, culturais e históricas.

Assim, inicialmente foi proposta uma atividade de leitura da obra, posteriormente, já divididos em equipes com cinco componentes, os alunos executaram uma pesquisa sobre os elementos encontrados em cada “Cordelenda”, pois o livro apresenta 6 histórias, ficando cada grupo com uma. De forma que buscassem tanto os saberes relativos aos povos indígenas, como aqueles que se referiam a conhecimentos que dialogassem como daqueles das disciplinas cursadas na escola.

Em seguida eles produziram cordéis com os dados das pesquisas sobre povos indígenas, apresentando em slides os saberes interdisciplinares que puderam ser percebidos nos textos analisados. Nesse caminho, foram construídos os dados analisados neste trabalho, que pela limitação de páginas, foram estruturados nos quadros apresentados na próxima seção.

3. Cordelendas: saberes tradicionais do povo brasileiro em diálogos e vivências

É importante notar que este é um trabalho em constante “diálogo”, a começar pela obra analisada pelos alunos, pois cordel e lenda, constituem a base das narrativas apresentadas. E exatamente isso foi um dos aspectos que mais chamou atenção dos interlocutores: “Olha que coisa interessante professora, é lenda indígena e é cordel” (A1¹¹⁴), “Eu mesma acho que isso é a coisa que mais chama atenção nesse livro, essa coisa de ser cordel e lenda junto, pelo que nós vemos é uma junção de duas coisas que são da tradição, assim do Brasil” (A7).

Nesse contexto, foi imprescindível discutir com eles a conceituação de “lenda” e “cordel” e seus contextos de produção. Haja vista que ambos fazem parte da herança cultural de tradição popular do povo brasileiro. Como ressalta Bayard (2007, p. 10)

Atualmente, a lenda transformada pela tradição, é o produto inconsciente da imaginação popular. Desta forma o herói sujeito a dados históricos, reflete os anseios de um grupo ou de um povo; sua conduta depõe a favor de uma ação ou de uma ideia cujo objetivo é arrastar outros indivíduos para o mesmo caminho. (BAYARD, 2007, p. 10)

No tocante a esse “arrastar outros indivíduos para o mesmo caminho”, os alunos puderem perceber que cada história apresentava uma moral, identificando como marca desse gênero textual. “Olha aí no texto que nós estamos analisando é que o ensinamento é que não podemos ser gulosos, mas isso é uma marca das lendas, sempre tem moral” (A22). “Se for pegar todo texto que foi apresentado aqui, tem sempre um ensinamento, porque pelo que pesquisamos, a lenda dos indígenas serve para isso” (A34).

Nesse sentido, Brandão (2007, p. 38) interpreta a lenda como um “[...] saber, crença ou arte reproduz-se enquanto é vivo, dinâmico e significativo para a vida e circulação de trocas de bens, de serviços, de ritos e símbolos entre pessoas e grupos sociais”. E ao ser recontada a lenda é também uma forma de resistência, “[...] preservando uma mesma estrutura básica, a todo momento se modifica. O que significa que a todo momento se recria” (BRANDÃO, 2007, p. 38).

¹¹⁴ Para respeitar os critérios éticos da pesquisa, manteremos a identidade dos alunos no anonimato, identificando suas falas apenas com a letra A, indicativa de “aluno” e o número que o representa na ordem do diário da turma.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Já quanto à estruturação dos textos no formato de cordel, os discentes notam que isso foi possível porque ambas apresentam elementos de intersecção. De acordo com Lessa (1994) o cordel é uma criação artística que se caracteriza pela delicadeza da sensibilidade e da observação da realidade dos seus autores, contando com o dinamismo do improviso, em uma narrativa poética.

E por isso dialoga com a lenda indígena, por ser uma narrativa, que mesmo em prosa é poética, construída a partir de elementos da realidade de cada povo e sua relação com a natureza e sua cosmologia. O que explica os personagens serem em sua maioria animais e o enredo se passar no habitat dos próprios animais e indígenas.

Assim, optou-se por utilizar a obra para atividades realizadas na disciplina de Língua Portuguesa, no intuito de conscientização para uma educação para o conhecimento da herança cultural e o respeito à diversidade, pois como defende Freire (1984) a função primeira da educação é proporcionar libertação e conscientização do indivíduo.

[...] a educação ou ação cultural para a libertação; em lugar de ser aquela alienante transferência de conhecimento, é o autêntico ato de conhecer, em que os educandos – também educadores – como consciência “intencionada” ao mundo ou como corpos conscientes, se inserem com os educadores – educandos também – na busca de novos conhecimentos, como consequência do ato de reconhecer o conhecimento existente. (FREIRE, 1984, p. 99)

Nesse movimento de vivências de aprendizagens, conduzimos os estudos, que mais se apresentaram como uma “viagem pelo Brasil, conhecendo o próprio país, descobrindo coisas que nós nem pensávamos que existia e também desaprendendo coisas erradas” (A31). Nessa fala da aluna, foi possível perceber que, entre eles, havia um desconhecimento generalizado sobre os indígenas, da mesma forma que também puderem repensar diversos estereótipos que reproduziam sobre esses povos. Como se pode perceber nas falas apresentadas no quadro com as indicações dos alunos quando se fez o levantamento sobre a atividade realizada e seus conhecimentos sobre povos indígenas.

Quadro 1: Conhecimento dos alunos sobre povos indígenas.

Qual o seu conhecimento sobre povos indígenas, antes da atividade realizada?	O que mais chamou atenção na pesquisa que realizou sobre a cultura dos povos indígenas?	O que modificou na sua percepção sobre os povos indígenas depois desse estudo?
“Pra falar a verdade, antes mesmo eu só sabia que dia 19 é dia de	“Fiquei tão impressionada com tudo, mas especialmente a música” (A3)	“Achava que índio era sem inteligência, olha que burrice minha”(A3).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

índio”(A3).		
“Como vimos aqui, os brasileiros quase não conhecem nada sobre povos indígenas, eu era um deles” (A17).	“Acho que saber que tem tanta coisa que temos que é de indígena e nem sabemos, como canjica por exemplo” (A17).	“Primeiro de tudo, que eles não são só de um jeito, depois o porquê de índio ser errado” (A17)
“Eu acho que não sabia muita coisa, mesmo sendo do Maranhão e com tantos índios” (A22)	“Da forma como eles lidam com a natureza, é mesmo de surpreender, porque eles tem a visão correta, que é parte deles”	“Acho que deixei de ter preconceito deles, assim, achava que tudo era preguiçoso, mas é o que a gente ouve, né?”

Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Observamos que as falas que exemplificam as percepções dos alunos sobre povos indígenas, expostas no quadro 1, demonstram uma mudança considerável em preconceitos negativos arraigados em seus imaginários. Nesse sentido, mais do que uma atividade de leitura e produção de textos, eles a interpretaram como “assim, é uma atividade de cidadania né professora? Porque nós tivemos como ir buscar conhecer nós mesmos, porque nós somos esse povo também!” (A25).

Além disso, foi percebido pelos alunos que a partir do texto literário se podia pensar sobre outros conhecimentos, porque puderem visualizar que cada narrativa era formada pelos saberes de muitas ordens, da mesma forma que poderiam possibilitar a busca por outras informações. Para Cosson (2006, p. 27) “O bom leitor [...] é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo”.

A primeira coisa que eu queria dizer é que às vezes se tem preconceito também com o texto de literatura, porque tem muita gente que diz que é besteira, mas olha o tanto de coisa que nós estudamos a partir de um texto que nem é grande! Meu grupo mesmo foi buscar coisa de Geografia, quando nós fomos procurar sobre a localização das terras indígenas e da História, dessa relação de formação do povo brasileiro, de Biologia, porque como a lenda traz sempre bicho, nós fomos procura sobre os bichos e de tanta coisa de que a gente está vivendo hoje, como essa história do óleo derramado que pode matar os caranguejos, que são personagens de uma das cordelendas. Assim, ficamos pensando nossa própria sociedade. (A15)

Nesse contexto, é oportuno mencionar o pensamento de Martins (2006, p. 87) que assinala que quando a literatura é abordada em sala de aula levando em consideração as noções de intertextualidade, interdisciplinaridade, transversalidade e intersemiose, isso se apresenta como pos-

sibilidade de fazer com que “[...] o aluno desenvolva uma compreensão mais crítica do fenômeno literário, sendo este inserido nas práticas sociais e culturais”.

Outro fator que deve ser destacado é que ao pesquisar sobre lendas indígenas, os alunos conheceram autores e obras de diversas etnias do Brasil. “Também acho que é importante dizer que quando nós fizemos a pesquisa, eu mesma encontrei que existem escritores indígenas de muita importância, como o Daniel Munduruku” (A15). O que foi ressaltado ainda por A23 ao mencionar que:

Quando fomos pesquisar eu vi que também que eles têm literatura escrita igual a nossa, tem deles que ganharam até prêmio no Brasil e um até na Suécia, eu acho mesmo que isso é um crescimento importante pra eles, a senhora não acha? Olha, como nós lemos na carta que era do descobrimento do Brasil, que os portugueses achavam que eles não tinham inteligência, que não sabia nem falar. E o que nós vimos é que sabem e sabem muito bem. Esse também eu acho que é um preconceito que muitos aqui da sala tinha dos indígenas, de não ter inteligência como disseram aqui. (A23)

No entendimento de Candido (2000), estudar literatura possibilita a compreensão da própria sociedade, o que colabora em muito para a criticidade sobre as mudanças de perspectivas que os sujeitos enfrentam ao longo do tempo. Logo, para além de servir para os estudos de “gramática”, ação tão criticada pelos estudiosos da questão, a literatura pode servir como instrumento para uma formação cidadã.

Seguindo essa reflexão, Cosson (2006) acredita que para que a literatura de fato mantenha e exerça seu papel humanizador é necessário se promover o letramento literário nas escolas, tendo em vista a sua função maior que é auxiliar na compreensão de mundo por parte dos leitores, por isso que é pelo fato de transformar “[...] sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas” (COSSON, 2006, p. 17).

Materialidade perceptível na produção dos alunos, que foram tocados pela genialidade do improviso proposto pelo fazer do cordel e pelas aprendizagens sobre saberes ancestrais indígenas. Como pode ser percebido no trecho elaborado pela equipe 1, que optaram por escrever sobre as danças indígenas.

Kuarup é uma bem interessante,
É uma homenagem linda e emocionante
Já a dança do Atiaru

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Tem um significado espirititual
Nela se utiliza flauta tribal
Para quem vê de fora, pode até parecer diferente,
Mas o que nos ensina é que indígena é “gente como a gente”. (GRUPO 1)

Quanto à produção dos alunos, constatamos que eles se envolveram com a proposta e se sentiram motivados e desafiados pela condição da elaboração dos cordéis ter que serem feitos seguindo a metodologia da produção dessa modalidade de escrita.

Seguindo com a exposição das produções dos alunos, optamos também pelo quadro, para expor os itens do que os alunos apresentaram em sala, com base em suas pesquisas.

Quadro 2: Apresentação da Equipe 1 – A lenda de como surgiu a voz do papagaio.

Literatura	Biologia	Geografia	Filosofia
“Afinal, lendas misturam O real com a fantasia” (OBEID, 2014, p. 11) Reflexão sobre os elementos das lendas.	“Já contei muitas histórias de quelônio e de felino” (OBEID, 2014, p. 11) Ordem das classes dos animais; Estudo sobre os animais em extinção e o tráfico de animais silvestres como o papagaio.	“Tentou cuspir as mangabas” (OBEID, 2014, p. 14) Localização geográfica dos biomas onde aparecem as frutas e onde vivem os animais citados na cordelenda.	“O menino transformou-se em um bicho vaidoso” (OBEID, 2014, p. 13) Discussão sobre vaidade.

Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Outro aspecto que merece ser discutido é o fato dos alunos mencionarem o fato de que o menino “não era educado”, saía fazendo o que vinha a sua mente, sem pensar nas consequências. O que eles relacionaram com as atitudes dos adolescentes como eles. Fato que fez com que eles apontassem a moral da história como: “Antes de fazer qualquer coisa, use a cabeça, reflita, porque tudo traz consequências” (A3).

Por esse motivo, que conforme assinala Yunes (2009, p. 89), “Enquanto houver leitores de mundo, haverá narradores buscando modos e meios para realizar o que a dita literatura tem feito desde que nos conta os homens e das coisas”, auxiliando na formação humanística e “ensaiando o direito de ser um outro em busca de si mesmo”.

Quadro 3: Apresentação da Equipe 2 – O sapo e a onça.

Literatura	Biologia	Geografia	História
<p>“Dona onça era assim; / Orgulhosa noite e dia, / E por onde ela passava, / Com os rugidos que soltava, / A floresta emudecia” (OBEID, 2014, p. 15)</p> <p>Os alunos fizeram uma discussão sobre rimas, estrofes e versos.</p>	<p>“Como ousa não ter medo de alguém forte como eu?” (OBEID, 2014, p. 15)</p> <p>Apresentaram a descrição das relações ecológicas, fazendo uma relação de animais que viviam em predação, comensalismo, mutualismo e inquilinismo.</p>	<p>Localização geográfica dos biomas onde aparecem as onças, personagem principal dessa cordelenda.</p>	<p>Relação sobre o colonialismo, os alunos fizeram uma interpretação de que as onças seriam os europeus com suas armas de fogo e os sapos seriam os indígenas, que juntos continuavam resistindo à exploração e opressão.</p>

Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Além desses aspectos, esse grupo fez uma pesquisa sobre músicas tradicionais indígenas, porque foi através da música que os sapos venceram a onça. Fazendo uma relação entre esse tipo de arte e seu uso nos rituais desses povos e na busca pela organização social que privilegia o coletivo, uma discussão para qual eles buscaram auxílio nos estudos de Sociologia para pensar indivíduo x sociedade nas sociedades indígenas e não indígenas. Demonstrando que “Nisso, ah como nós temos que aprender com esses indígenas professora, porque aqui até se mata pelo que é de um e ninguém pode mexer, olha pelo que vimos tudo é dividido” (A16), como também “a importância de se pensar em grupo para resolver as questões, porque o problema de um acaba sendo o de todos” (A3), moral percebida na cordelenda.

Quadro 4: Apresentação da Equipe 4 – Os olhos do caranguejo e do jaguar.

Literatura	Biologia	Geografia	Arte
<p>“Cansei do pequeno lago, / Quero o grande lago olhar” (OBEID, 2014, p. 23)</p> <p>Os alunos dessa equipe optaram por apresentarem os elementos da</p>	<p>“O jaguar se animou com aquilo o que ele viu, Mas para voltar os olhos, caranguejo lhe pediu, a traíra os engoliu” (OBEID, 2014, p. 25)</p> <p>Apresentaram a descrição das rela-</p>	<p>Localização geográfica dos biomas onde aparecem o jaguar, personagem principal dessa cordelenda.</p>	<p>Os alunos resolveram apresentar as pesquisas sobre a xilogravura, técnica para ilustração de cordéis e também utilizada para ilustrar a obra em análise.</p>

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

narrativa. Iniciando pelo foco narrativo que seria o desejo do caranguejo em conhecer o grande lago.	ções ecológicas, como também falaram sobre as questões dos desastres ambientais que estão impactando esses animais, como as manchas de óleo para os caranguejos e os incêndios na Amazônia.		
--	---	--	--

Fonte: Pesquisa de campo (2019).

No que se refere à moral, a equipe compreendeu que tinha uma relação direta com a vida em sociedade, e para a própria confecção do trabalho: “Olha, como o jaguar tem a força e o gavião os olhos, assim também deve ser a gente quando faz trabalho em equipe, cada um ajudando com o que tem mais habilidade, assim é a moral que nós encontramos” (A5).

Quadro 5: Apresentação da Equipe 6 – Os dois papagaios

Literatura	Biologia	História	Arte
<p>“Uma história bem antiga, / Narro em versos tão certos, / É um enredo diferente, / Sigo agora seus roteiros; / Sol e Lua são dois homens / Caçadores verdadeiros” (OBEID, 2014, p. 29)</p> <p>Os alunos dessa equipe optaram por apresentarem os elementos da narrativa. Com foco para as lendas e sua importância para a compreensão dos indígenas sobre suas realidades.</p>	<p>A importância da lua para as plantações, foi o tema escolhido pela equipe para discutir as questões referentes à biologia.</p>	<p>“Certo dia eles partiram à floresta pra caçar” (OBEID, 2014, p. 29)</p> <p>Os alunos buscaram apresentar os grupos indígenas nômades e os sedentários. E como o processo de colonização interferiu nessa dinâmica.</p>	<p>Os alunos apresentaram as artes indígenas que usaram em seu grafismo as imagens de sol e lua.</p>

Fonte: Pesquisa de campo (2019).

E para finalizar a análise do grupo e a leitura interdisciplinar, a-

pontaram a moral que seria: “Devemos buscar resolver tudo de forma com a harmonia, e ser gratos pela ajuda que recebemos” (A8).

4. Considerações finais

As atividades realizadas seguiram um propósito de se trabalhar numa perspectiva de letramento literário, tendo em vista que a obra selecionada foi o “fio de Ariadne” ao qual nos amarramos para seguir no labirinto que é a literatura, mas também nos incitou a buscar outros textos literários, indígenas e não indígenas. O que ampliou de sobremaneira o horizonte de leitura dos alunos.

Além disso foi perceptível que para analisar os textos, também foi necessário a aquisição de conhecimentos de teoria literária. Devendo ser ressaltado que em nenhuma das etapas foi orientado ou indicado que obras ou o que eles deveriam analisar. Portanto, podemos afirmar que esse projeto de leitura e produção de texto contribuiu de sobremaneira para uma aprendizagem autônoma e criativa.

Vale notar nessas considerações que o diálogo entre o cordel e a lenda contribuiu para fomentar o interesse dos alunos a respeito dos saberes e da identidade étnica dos povos indígenas brasileiros. Logo, apresentando-se como uma atividade que auxiliou na discussão e na desconstrução de estereótipos e preconceitos negativos sobre os nativos do nosso país.

Assim, podemos afirmar que tal iniciativa cumpre tanto o que determina a legislação educacional para a inserção da cultura e história indígena na educação básica, quanto contribuiu para uma reflexão filosófica sobre as relações interpessoais e com a natureza. Apontando caminhos para atividades que pensem a interdisciplinaridade como possível para se articular saberes e dar significado à aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYARD, Jean Pierre. *História das lendas*. Trad. de Jeanne Marillier. [S. l.]: Virtual Books. 2007. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/lendas.html> Acesso: 22/06/2019.

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas I*. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. *Lei 11.645, de 10 de março de 2008*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura AfroBrasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Poder Legislativo, Brasília, DF, 11, mar. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 10/02/2017.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: Estudos de teoria e história literária*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

DECLARAÇÃO Americana sobre os Direitos dos Povos Indígenas. Aprovado pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos em 26 de fevereiro de 1997. Disponível em <http://www.cidh.org/annualrep/96port/96PortCap4.htm>, acessado em 10/02/2019.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MARTINS, Ivanda. A Literatura no Ensino Médio: quais os desafios do professor? In: BUNZEN, Clecio e MENDONÇA, Márcia (Orgs). *Português no Ensino Médio e formação do professor*. São Paulo. Parábola, 2006. p. 83-102

MEDEIROS, Juliana Scheneider. Povos indígenas e a Lei nº 11.645: (in)visibilidades no ensino da história do Brasil. In: BERGAMASCHI, Maria Aparecida; DALLA ZEN, Maria Izabel Habckost; XAVIER, Maria Luisa M. de Freitas. *Povos indígenas & Educação*. Porto Alegre: Mediação, 2012.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise textual discursiva*. Ijuí: Unijuí, 2011.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Unesp; Brasília: Paralelo 15, 2006.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SPINK, M. J.; LIMA, H. Rigor e visibilidade: a explicação dos passos da interpretação. In: SPINK, M.J. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 2000.

TRIVIÑOS, Augusto N. Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

YUNES, Eliana. *Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados*. Curitiba: Aymar, 2009.